

# PANDEMIA: DIÁRIO ABERTO

*PANDEMIC: OPEN DIARY*

Camila Santos Pereira **1**

---

Mestranda em Educação pela Universidade do Estado do Rio de Janeiro (ProPEd/UERJ), Especialista em Orientação Educacional (UNIASSELVI), Licenciada em Ciências Sociais (UFRGS).  
Lattes: <http://lattes.cnpq.br/7773307837521707>.  
ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-6149-0520>.  
E-mail: [fycamila@gmail.com](mailto:fycamila@gmail.com)

Sagaz e desconcertante. Palavras-chave que ajudam a definir a última obra do filósofo esloveno, Slavoj Žižek. Esta resenha visa analisar *Pandemia: Covid-19 e a reinvenção do comunismo* (2020), originalmente, publicada como *Pandemic!: Covid-19 shakes the world*. O livro integra a coleção *Pandemia Capital*, da editora Boitempo, cujo objetivo é contribuir com publicações online de custo acessível, devido ao cenário de distanciamento social. Outros títulos como *A cruel pedagogia do vírus* (2020) de Boaventura de Sousa Santos e *Construindo movimentos: uma conversa em tempos de pandemia* (2020) de Angela Davis e Naomi Klein também foram lançados. À vista disso, a obra em questão é um convite para uma reflexão provocativa e informativa a partir de alguns recortes globais sobre os desdobramentos da pandemia em determinadas regiões e configurações políticas.

Žižek é um dos intelectuais mais importantes da atualidade. Sua personalidade marcante, a defesa do pensamento comunista e suas habituais referências à cultura do entretenimento, fazem com que suas aparições e textos possuam uma marca registrada. Portanto, seus apontamentos sobre os dias atuais não passariam despercebidos. A pandemia do Covid-19 confinou milhares de pessoas e precarizou, ainda mais, diversos grupos vulnerabilizados pelo capitalismo global. Mesmo redigindo no isolamento de sua casa, nos proporciona longas viagens analíticas através das descrições desde a China até o Brasil. Dessa forma, apresenta diversos momentos de reflexão e, muitas vezes, pode causar indignação ou desconforto. Assim, é difícil não sentir os atravessamentos críticos pelo seu ritmo dinâmico de escrever.

O livro é dividido em treze capítulos, os quais funcionam para distribuir as seções de uma espécie de diário de campo em tempos de pandemia. O texto de Žižek é introduzido pelo prefácio do psicanalista brasileiro Christian Ingo Lenz Dunker. Seu texto situa a conjuntura, até então, do Brasil em meio à pandemia, como cenário principal, a negação do presidente Jair Bolsonaro diante da crise iminente na saúde. Dunker também expõe ao público leitor a relevância e alcance que o autor esloveno possui no pensamento social contemporâneo.

Começamos a jornada com o capítulo *O vírus da ideologia*, tensionando a existência de outras epidemias e desastres influenciados pelos seres humanos que, contudo, não recebem a mesma atenção. Com isso, aponta que o mercado internacional liberal e globalizado é uma porta escancarada para acontecimentos trágicos de nível mundial. Logo, reivindica “uma resposta globalmente coordenada” (ŽIŽEK, 2020, p.16<sup>1</sup>). Por isso, desenha um desafio de grande magnitude, estabelecer ligações de cooperação e solidariedade entre diferentes governos, em que, simultaneamente, os interesses das elites não poderão interferir nestas novas decisões.

No segmento posterior, *Estamos todos no mesmo barco*, descreve a censura do governo chinês sofrida pelo médico Li Wenliang quando noticiou sobre os perigos de um novo vírus, o coronavírus. Relata as repressões e medidas de cerceamento do governo comunista chinês, que também proíbe determinados estudos da própria ideologia oficial. Aqui, contribui com comentários sobre os dilemas e paradoxos que divulgar os verdadeiros dados oficiais pode ocasionar. Então, levanta a seguinte hipótese: muitas vezes reter a informação pode salvar vidas. Seguindo seu pensamento, não publicar todas as averiguações pode prevenir um estado de pânico nas populações. Ainda localizando o pano de fundo deste período, temos no terceiro segmento, *Os cinco estágios da epidemia*, as contribuições da psiquiatra Elisabeth Kübler-Ross que descreve os estágios da descoberta de uma doença terminal. O autor utiliza essas etapas para falar do aquecimento global e da vigilância digital, mas principalmente, comenta sobre a fase de negação, raiva, negociação, depressão e aceitação durante a pandemia.

Bem-vindo ao deserto do viral! É o título do quarto capítulo, no qual Žižek nos apresenta seu principal e contundente argumento, “o coronavírus também nos estimulará a reinventar o comunismo com base na confiança no povo e na ciência.” (ŽIŽEK, 2020, p.29). Nesse sentido, lamenta que um cenário tão trágico seja necessário para refletir sobre as estruturas excludentes da sociedade. Em *Noli me Tangere*, quinta parte do livro, emprega esta citação bíblica: “não me toques” para, como autodeclarado ateu cristão, refletir sobre as questões do distanciamento social e os vínculos afetivos na contemporaneidade. Recorre a Friedrich Hegel para concluir que: “Não há retorno ao normal, o novo ‘normal’ terá de ser construído sobre as ruínas de nossas antigas vidas, ou nos encontraremos em uma nova barbárie cujos sinais já

1 As páginas estão de acordo com o formato digital do livro.

estão ficando cada vez mais perceptíveis” (ŽIŽEK, 2020, p.35). No segmento posterior, A situação é grave demais para perdermos tempo entrando em pânico!, o filósofo mostra que reagir em pânico seria uma forma de não levar a situação a sério. Por isso, defende a intervenção do Estado para o auxílio e para implementação de novas medidas que os departamentos de saúde necessitam. A solidariedade seria o caminho a trilhar. No sétimo capítulo, O coronavírus e os refugiados na Europa, expõe a crueldade dos embates políticos atuais, principalmente, entre a Síria e a Turquia. Ao tocar nesse tema, também tangencia as questões dos refugiados nas discussões políticas europeias.

Na segunda metade da obra, Žižek analisa contribuições filosóficas sobre o presente. Na oitava parte, Por que estamos sempre cansados?, faz uma crítica enfática aos estudos do filósofo Byung-Chul Han. O intelectual sul-coreano possui em sua notória obra Sociedade do cansaço (2015) descrições sobre o sistema capitalista atual. A falta de determinados recortes trabalhistas do trabalho de Han são apontadas como fonte de enriquecimento da análise do autor esloveno, com complementações interessantes e necessárias. Por exemplo, a autoexploração ocasionada por ambientes com a fachada permeada pelo culto à criatividade, porém que no interior de suas estruturas combinam uma dinâmica de demandas excedentes e competitividade danosa. A seguir, Por uma filosofia viral?, trata das repercussões e polêmicas envolvendo intelectuais no início da pandemia, inclusive de si próprio. Portanto, analisa as falas e críticas direcionadas a Giorgio Agamben, filósofo italiano, que se posicionou contra as ordens de isolamento social ao apontar o interesse por controle social do Estado. No décimo capítulo, O que nos aguarda é a barbárie de rosto humano?, mais uma vez, descreve as configurações inimagináveis nas quais milhões de pessoas se encontram. Em especial, nos leitos de hospitais. Muitas personalidades políticas defendem que o cuidado e distribuição de medicamentos devem ter como prioridade, por exemplo, as pessoas mais jovens. Essa mentalidade é criticada de modo pertinente pelo filósofo:

Devemos perceber como a aceitação dessa lógica de “sobrevivência do mais apto” viola até mesmo o princípio básico militar, segundo o qual depois da batalha deve-se primeiro cuidar das pessoas com ferimentos graves, ainda que a chance de as salvar seja mínima. (ŽIŽEK, 2020, p.59)

A partir dessa lógica, intitula o fragmento posterior de Comunismo ou barbárie, simples assim! Então, descreve como algumas medidas que já estão sendo tomadas dialogam, diretamente, com a ética comunista. Portanto, essas perspectivas seriam essenciais para a sobrevivência nesse momento. Em Guia de sobrevivência psíquica para o isolamento social: duas cartas de amigos, décima segunda parte, apresenta um diálogo aberto com as correspondências de seus amigos Gabriel Tupinambá, psicanalista brasileiro, e do jornalista alemão Andreas Rosenfelder. Um capítulo carregado de referências cinematográficas que aproxima a leitura de quem encontra no entretenimento um escape diante das notícias desoladoras. No última divisão, Decisões duras, finaliza sua obra assinalando que o coronavírus não é uma anormalidade na nossa sociedade, mas que representa uma parte de um sistema titubeante e prestes a cair em um abismo. Por conseguinte, um acompanhamento atento e vigilante da população também posiciona os poderes estatais em estado de alerta. Os questionamentos e as divergências em relação às medidas exploratórias dos governos estão em efervescência e a antiga conjuntura não retornará.

A perspicácia e as interrogações que são oferecidas fazem com que esse livro sirva, não apenas para pensar o período atual, mas também como documento para refletir, no futuro, sobre um passado improvável. Žižek brinda o público leitor com uma visão de seus pensamentos e personalidades, aproximando o debate de um tema complexo com uma linguagem acessível. Seus marcadores sociais e relações privilegiadas são demarcados em diversos momentos da escrita. Portanto, demonstram um comprometimento indispensável com a ciência contemporânea. Assim sendo, comprova sua atualidade e relevância.

## **Referências**

HAN, B.C. **Sociedade do cansaço**. Petrópolis: Vozes, 2015.

ŽIŽEK, S. **Pandemia: Covid-19 e a reinvenção do comunismo**. Edição Kindle. São Paulo: Boitempo, 2020.

Recebido em: 30 de julho de 2020.

Aceito em: 14 de outubro de 2021.